

Resenha¹

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Duval; SILVA, Sidney A.; ASSIS, Gláucia O.; CASTRO, Maria da Consolação; COTINGUIBA, Marília P. (orgs). 2016. *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí, Paco Editorial.

Joselene Ieda Carvalho*¹

O livro escolhido para esta resenha conta com diversos trabalhos que se unem por uma temática principal: a imigração haitiana no Brasil. Com a delimitação do tema de 2010 a 2015, os autores discutem problemáticas envolvidas em Estados diferentes e nas abordagens teóricas sobre imigração. A obra possui diversos organizadores e foi publicada pela Paco Editorial no ano de 2016.

A obra da qual se fundamenta essa resenha tem sido primordial para a realização de pesquisas que possuem como tema a imigração. Por se tratar de uma obra com autores de áreas diversas, os artigos envolvem variados temas tais como, a discussão do processo de imigração afro-antilhana para o Brasil; o perfil dos imigrantes haitianos; o trabalho que executam ao imigrarem para o Brasil; o papel que as políticas públicas ocupam na vida dessas pessoas; a questão ambiental envolvida com a precarização da vida dessas pessoas; e por fim, artigos que propõem a discussão acerca de alguns Estados como São Paulo, Santa Catarina, Amazônia, Belo Horizonte, em que visam apresentar semelhanças e distinções na imigração haitiana.

Importante caracterizar que há uma perspectiva que está em todos os artigos escritos pelos autores em suas respectivas áreas que é a de que os imigrantes haitianos possuem uma trajetória longa de imigração até chegar ao Brasil e que o alcance do seu destino final, não significa que serão aceitos pela sociedade e que terão trabalho pra sobreviver.

A autora Andressa Virgínia de Faria, em seu artigo intitulado "Os haitianos e o refúgio ambiental" escreve que o número de autorização para a entrada de haitianos no Brasil aumentou consideravelmente passando de 15 em 2010, para 720 em 2011 e milhares em 2015. Ainda neste artigo, a autora propõe uma

¹ Recebido em 19/03/2018. Aceito em 24/06/2018

*¹ Doutoranda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: jooihieda@hotmail.com.

discussão que se diferencia da maioria dos artigos que compõem este livro. É aceitável por todos os autores que a imigração haitiana aumentou consideravelmente após 2010, no entanto, justifica-se este aumento pelo desastre ambiental que foi o terremoto. Porém, para esta autora, não podemos apenas considerar o terremoto como elemento estruturante para a imigração.

Faria, destaca alguns elementos cotidianos na vida das famílias haitianas quando ainda viviam no Haiti para identificar que o terremoto ampliou as relações políticas de imigração, o que facilitou para conseguirem efetivar a entrada no Brasil. No entanto, as condições de vida no Haiti já dificultara durante muitos anos a permanência neste país², portanto, a imigração faz parte da realidade do povo haitiano.

Em sua pesquisa Faria constatou que 68,5% dos domicílios nas cidades haitianas utilizam carvão vegetal para cozinhar. Enquanto nas áreas rurais 90,9% utilizam a palha e a madeira. Somente uma pequena parte da população possui acesso à eletricidade e 8,5% das residências possuem serviço de distribuição de água. No país, 82,3% das famílias utilizam lâmpada a gás; e sobre o descarte de lixo 36% é depositado em terrenos baldios e barrancos, sendo que 25,8% é periodicamente queimado. Após tais informações podemos compreender que quando entrevistados afirmam que no Brasil a vida é melhor, é mediante a comparação com tal realidade que encaravam no Haiti.

É óbvio que as famílias que possuem uma maior renda, possuem consequentemente melhores condições para viver, no entanto, diferente de outros países, como o Brasil, por exemplo, no Haiti ainda estas famílias possuem quase nenhuma qualidade de vida se tratando de elementos básicos como energia elétrica, água encanada, saúde, educação³.

Além de elencar dados acerca deste processo de imigração que começa no país de origem e/ou outras cidades, alguns pesquisadores reelaboram suas próprias condições de trabalho e a perspectiva de seus ofícios perante o atendimento ao imigrante.

Maria da Consolação Gomes de Castro e Carla Aparecida Silva Aguiar, em seu artigo "Atendimento a imigrantes e refugiados: debate em pauta no serviço

² Em conformidade com o artigo desta autora, há o artigo de Coggiola "Haiti: terremoto, colonização e resistência" em que este autor destaca as dificuldades e a precarização do trabalho no Haiti identificando que a maioria das famílias haitianas sobrevivem com apenas dois dólares por dia.

³ Em sua tese "A catástrofe de janeiro de 2010, a "internacional comunitária" e a recolonização do Haiti", Seguy relata da dificuldade encontrada pela população haitiana em relação à esses fatores, como a falta de energia elétrica; isso facilita para que aconteça a chamada "fuga de cérebros", ou seja, grande parte dos haitianos que consegue terminar o ensino superior, imigra para trabalhar em outros países visto as péssimas condições de sobrevivência, até mesmo em níveis básicos, no Haiti.

social” questionam, além da realidade vivida por estes imigrantes, o papel do assistente social em acolhê-los e conseguir colaborar com essas pessoas. Desta forma, este artigo possibilita entendermos a ação das Políticas Públicas no que se refere à imigração no Brasil.

As autoras discutem leis que podem auxiliar o estudo dos assistentes sociais sobre o que fazer quando um imigrante procurar a assistência social. Começam por defender que pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 5º, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país (...)”. Portanto, todos os demais documentos que tratam da imigração têm por base a constituição que define uma vida digna para tais imigrantes. Porém sabemos que na prática não é assim que muitas vezes acontece. Brasileia no Acre que é um dos principais lugares de entrada dos imigrantes haitianos no Brasil, até pouco tempo não possuía condições básicas para recebê-los. Após a denúncia de diversos trabalhos que evidenciavam as condições precárias dos imigrantes que recém chegavam, foram tomadas medidas de acolhimento por um curto período para que os haitianos pudessem regularizar o visto e então seguir viagem para as demais cidades do Brasil.

É necessário o destaque de que não são apenas imigrantes, são imigrantes negros e diversos são os relatos sobre preconceito por sua cor, o que acaba dificultando a vida dos haitianos até mesmo para adquirir aquilo que é direito universal- o ato de ir e vir⁴. Castro e Aguilar citam uma situação em que presenciaram em que Conselhos Tutelares se recusaram a atender crianças haitianas vítimas de violência e cartórios que recusaram a registrar filhos destes imigrantes. Mediante tais acontecimentos, as autoras evidenciam a importância dos assistentes sociais no contexto não só de apoio aos imigrantes, mas do esclarecimento para a sociedade de modo geral em como devemos lidar com estes trabalhadores.

Duval Fernandes e Maria da Consolação Gomes de Castro, no artigo “A integração na perspectiva do enriquecimento mútuo: experiências dos que emigram e os desafios dos que acolhem” buscaram sintetizar a realidade vivida pelos trabalhadores quando chegam ao Brasil e identificam a dificuldade apresentadas pelos imigrantes em relação aos seguintes itens, moradia, vários relatam que por não possuírem o domínio do português, sofrem para conseguir encontrar aluguéis mais baratos; visto humanitário, apresentaram reclamações que não sabem ao certo como agir para solicitarem a legalização de sua presença no Brasil; e por fim, algo não menos importante, o trabalho, alguns relatam que as empresas que os empregam aproveitam-se colocando para que

⁴ Declaração Universal dos Direitos Humanos-
http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf

executam tarefas extras e depois os demitem como justa-causa, pois sabem que a situação em que vivem não os permite contestar.

Em todos os artigos é possível identificar as dificuldades e o processo de luta pela sobrevivência desses trabalhadores. Em cada artigo há semelhanças, mas há especificidades que estudados de forma conjunta, colaboram para tentarmos entender o que a população haitiana vive neste processo.

Roberta Guimarães Peres em seu artigo "Imigração e gênero: as mulheres haitianas no Brasil" contesta a importância de considerar o estudo de gênero no quesito imigração. Afinal, o processo é vivido por cada pessoa de uma forma, e as mulheres haitianas relatam experiências em relação à imigração que não aparecem nos casos narrados pelos homens, exemplo disso, é o medo do estupro. Ainda em conformidade com este tema, Márcia de Oliveira e Elias Oliveira da Silva, no artigo "Migração Haitiana na Amazônia à luz dos estudos de gênero", acompanham durante dois anos mulheres em um albergue em Manaus, e os autores relatam as experiências observadas e dialogadas com essas trabalhadoras que por vezes apresentam dificuldades ainda maiores de adaptação até mesmo pela diferenciação dos trabalhos que executavam no Haiti dos que estão no Brasil, como os relatos das trabalhadoras haitianas que se tornaram empregadas domésticas.

Como citado anteriormente, há artigos específicos que lidam com o impacto da imigração haitiana em cidades e Estados no Brasil. Nesta segunda parte da resenha discutirei artigos que discutem a imigração haitiana em quatro Estados diferentes: Santa Catarina, Amazônia, Rondônia e São Paulo.

O autor Luís Felipe Aires Magalhães discute em seu artigo "Imigração haitiana no Estado de Santa Catarina: contradições da inserção laboral" aspectos significativos à realidade enfrentada pelos haitianos para conseguir um trabalho e para manter-se neste trabalho. O autor inicia seu texto evidenciando que o Brasil se insere numa economia em que exige o recrutamento da força de trabalho internacional, compreendendo que a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti) foi uma forte abertura para que os haitianos entendessem o Brasil como um país "acolhedor".

Magalhães entrou em contato através de questionários com 279 imigrantes que residem em Balneário Camboriú (cidade litorânea localizada a 81 km de Florianópolis- capital do Estado). O autor relata que havia apenas três diferenciações de trabalhos respondidas pelos imigrantes, tinham aqueles que trabalhavam na construção civil, no supermercado e apenas uma moça que declarou trabalhar como diarista.

Neste processo de imigração, muitos vêm sem suas famílias com a perspectiva de mandar dinheiro todo mês e assim, além de melhorar a condição

de vida dos familiares, proporcionar que em breve possam também migrar. A idade mais comum dos imigrantes pesquisados por Magalhães é entre 25 a 29 anos.

O que aparece neste artigo e em alguns outros que detalham sobre trabalho é que há empresas que fazem recrutamento dos imigrantes quando ainda estão no Acre. O autor evidenciou através dos questionários três empresas específicas de Santa Catarina que fazem isso: a Multilog, a Ambiental e a Imbrasul Construtora e Incorporadora. Na primeira empresa citada, os haitianos desenvolvem essencialmente a função de estivadores, estoquistas e de serviços gerais. Na segunda empresa, o trabalho dos haitianos refere-se a de garis e serviços gerais. E na terceira empresa, suas atividades são de pedreiros, auxiliares de pedreiros, serventes e serviços gerais. Além de detalhar mais informações sobre os trabalhos e cargos ocupados pelos imigrantes haitianos, o autor constata que há uma preferência de estrangeiros para as funções relatadas acima e também para estoque, reposição e serviços gerais nos supermercados, pois, a grande maioria das empresas paga abaixo do salário dos brasileiros para os imigrantes.

Importante destacar que, grande parte destes trabalhadores já possuía um ofício quando moravam no Haiti, mas após o processo de imigrar, acabam se dedicando a trabalhos precários, muitos dos quais não há semelhança alguma com a atividade que exerciam no Haiti. Porém, é necessário pensarmos que o processo de imigração não termina quando chegam ao Brasil, esses trabalhadores continuam depositando dinheiro para suas famílias, e muitas, sobrevivem com essas quantias depositadas.

Letícia Mamed e Eurenice de Lima identificam em seu artigo "Movimento de trabalhadores haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a rota de acesso pela Amazônia Sul Ocidental e o acampamento público de imigrantes do Acre" que os trabalhadores dos quais entrevistaram para a realização dessa pesquisa, são "oriundos da periferia do capitalismo mundial" (MAMED, LIMA, 2016, p.113).

O que as autoras procuram evidenciar neste artigo são as rotas percorridas e os desafios encontrados pelos imigrantes haitianos. O trabalho que conseguem executar quando se estabelecem em uma cidade é resultado do árduo processo que viveram até chegar naquele local. Há relatos em que as autoras escrevem sobre trabalhadores vítimas de roubo, espancamentos, estupros e mortes durante a rota de viagem até chegar ao Brasil. E em alguns casos, por não conhecerem a rota, estabelecem vínculos com agiotas, dos quais se comprometem a pagar valores absurdos durante anos para que em troca não sejam mortos.

O Estado de Rondônia juntamente com o Acre é estudado como o ponto de entrada dos imigrantes haitianos no Brasil. A cidade de Porto Velho- RO e Brasileia- AC são relatadas como as principais no quesito de entrada e luta pela documentação para a regularização visando a busca de trabalho. Conseqüentemente, estas cidades são o local preferido das empresas para recrutarem os trabalhadores haitianos.

Marília Lima Pimentel Cotinguiba e Geraldo Castro Cotinguiba no artigo "Fronteiras e aspectos do rito de mudança de categoria jurídico-política dos sujeitos haitianos em mobilidade transnacional no Brasil" fundamentam-se em dois aspectos principais, o primeiro trata-se da realização da pesquisa de campo e o segundo, do diálogo com diferentes interlocutores em especial, os haitianos, sobre o processo da imigração. Um ponto fundamental desta pesquisa é que diferentemente da maioria, os autores já começaram a realiza-la em 2011, que foi quando chegou o primeiro grupo de haitianos na cidade de Porto Velho.

Além do artigo inserido neste livro, Geraldo Cotinguiba tem sido um dos autores mais citados em referência a imigração haitiana, a leitura que faz do processo da imigração auxilia-nos a compreendê-lo com suas especificidades. Através deste artigo citado acima, que problematiza um dos pontos cruciais da trajetória da imigração haitiana que são os "raketes" uma espécie de agiotas (os mesmos que detalham Mamed e Lima) que emprestam o dinheiro para aqueles imigrantes que não possuem condição imigrarem, no entanto, depois cobram mais do que o dobro. Este fato torna-se fundamental, pois, não é comunicado corriqueiramente nas entrevistas. Por se tratar de algo ilegal, os trabalhadores haitianos dificilmente narram, mas, carregam este fardo de além de ter que achar um trabalho o mais rápido possível e enviar dinheiro pra suas famílias, precisam pagar os *raketes*.

O autor também cita que em uma de suas análises de etnografia, observava um ônibus com a fachada de turismo, mas que na verdade era contratado pelas empresas para buscar os haitianos e leva-los pra várias cidades brasileiras que estavam à procura de mão-de-obra barata. E que havia uma espécie de disputa entre os próprios imigrantes para saber quem seria selecionado para conseguir o trabalho. Os autores elencam que por vezes foram questionados pelos haitianos se eram de empresas para fornecer trabalho, uma realidade triste vivenciada por quem pesquisa trabalhadores imigrantes.

Outro lugar procurado pelos trabalhadores haitianos é São Paulo. Os autores – Camila Rodrigues da Silva, Luís Felipe Aires Magalhães e Gláucia de Oliveira Assis – retratam o papel dos jornais na imigração haitiana neste Estado, com o artigo intitulado "A imigração haitiana nas páginas dos jornais: análise de reportagens da Folha de S. Paulo entre 2010 e 2015". A importância da discussão dos jornais nos trabalhos das ciências humanas tem evidenciado

que este meio de comunicação que chega a tantas pessoas, por vezes identifica uma visão contrária aos imigrantes. Deste modo, contribui para a efetivação do preconceito com estes trabalhadores.

Os autores escrevem que escolheram este jornal para pesquisar, visto que é o maior jornal impresso diário de circulação nacional no Brasil. Neste artigo, além da proposta de análise dos jornais os autores auxiliam-nos a pensarmos a metodologia da utilização desta fonte.

Foram 108 textos encontrados que mencionam a imigração haitiana neste jornal. Os autores identificaram que a maioria das matérias sobre os haitianos aparecem em posições privilegiadas no jornal e ocupam um grande espaço na edição.

Há utilização de gráficos no artigo, e um destes gráficos propõe a análise de que 70% das reportagens não contextualizam a trajetória da imigração e 71, 3% dos temas escolhidos para ser destaque apresentam uma negatividade na abordagem.

Além disso, veículos da imprensa como os jornais, contribuem para a caracterização de conceitos que se tornam comuns na sociedade, mas que são atribuídos à estigmatização dos haitianos. O termo "ilegal" é constantemente mencionado, no entanto, uma das primeiras preocupações dos haitianos é justamente adquirir a carteira de trabalho para conseguir um emprego, então, se de fato fossem ilegais, não conseguiriam.

Os jornais pesquisados que são lidos por grande parte dos brasileiros, segundo os autores, não citam fontes que se dedicam a pesquisar sobre o assunto. Nem constata a legislação migratória brasileira. O que poderia contribuir significativamente para a vida dos haitianos era que os jornais colaborassem identificando verdadeiramente o processo da migração, sem trata-los como seres invasivos.

Para concluir, podemos observar que embora sejam estudos com fontes distintas, muitas vezes se tratando de Estados inclusive distantes uns dos outros, a realidade haitiana em nosso país merece atenção por possuir especificidades e semelhanças. É necessário que estas pesquisas sejam divulgadas para contraporem alguns meios de comunicação que identificam o imigrante como "o outro". Somente através do conhecimento é que poderemos fornecer o apoio aos haitianos e adquirir tudo àquilo que a cultura haitiana é capaz de nos proporcionar.

Referências bibliográficas

COGGIOLA, Osvaldo. 2010. Haiti: terremoto, colonização e resistência. *Revista O olho da História*, n.14, Salvador, s.p., junho.

SEGUY, Franck. 2014. *A catástrofe de janeiro de 2010, a "internacional comunitária" e a recolonização do Haiti*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP.